

## Aspectos de devoção e iconografia dos Quarenta Mártires do Brasil entre os sécs. XVI e XIX

*«Los que las honras del mundo  
depreciaron,  
y las deshonras amaron  
de la cruz,  
éstos, con su buen Jesús,  
de la muerte triunfaron»  
(José de Anchieta, «Los que muertos  
veneramos»)*

Significado especial deste martírio na Época Moderna (a sua inserção na cultura contemporânea do martírio e a sua ligação com o culto da Madonna di San Luca e Santa Teresa de Ávila):

No dia 15 de Julho de 1570, o recém-eleito Provincial do Brasil Inácio de Azevedo, trinta e sete companheiros e um candidato à Companhia de Jesus foram martirizados às mãos de um grupo de huguenotes holandeses sob o comando de Jacques Soria no mar em frente à Ilha de La Palma, Canárias. No dia seguinte foi martirizado o irmão Simão Costa<sup>1</sup>.

Estes quarenta mártires (trinta e dois portugueses e oito castelhanos) são normalmente designados como os Mártires do Brasil, dado que foram mortos, quando se dirigiam à Missão do Brasil. Todavia, nas Ilhas das Canárias são conhecidos como os Mártires de Tazacorte, porque a vila de S. Miguel de Tazacorte na Ilha La Palma foi a última terra pisada por eles, antes de serem «distinguidos com a Coroa do Martírio».

Este episódio de martírio adquiriu rapidamente um importante significado na hagiografia da Época Moderna. Por um lado, tratou-se do martírio colectivo mais numeroso de jesuítas entre os sécs. XVI e XIX. Por outro lado, este episódio

---

<sup>1</sup> Serafim LEITE, *História da Companhia de Jesus no Brasil*, Lisboa e Rio de Janeiro, Portugal/ Civilização Brasileira, 1938, tomo II, 255.

reúne simbolicamente os dois contextos geográficos – culturais, nos quais aconteciam com frequência eventos similares: a Europa dividida por lutas religiosas entre católicos e protestantes e as missões ultramarinas.

Ademais, a hagiografia destes mártires realçou o número quarenta. Para além da conotação bíblica deste número, foi fácil relacionar este episódio com o episódio do martírio dos quarenta cristãos de Sebaste, Arménia, o qual terá ocorrido entre 316 e 370<sup>2</sup>.

Inseriu-se com este elo o martírio de 1570 em uma cultura contemporânea caracterizada por uma devoção e uma iconografia muito marcadas pelos primeiros episódios de martírio no início da Época Cristã e que muito deveu à Companhia de Jesus. Na Época Moderna, os oratorianos e os jesuítas foram os principais mecenas de ciclos de martírios, incluindo de episódios que tinham ocorrido na Época Páleo – Cristã<sup>3</sup>.

Simultaneamente, a hagiografia dos Mártires do Brasil procurou estabelecer elos cronológicos com outros episódios de martírio de jesuítas. A partir do relato de Maurizio Serpe, composto entre 1571 e 1577, difundiu-se um paralelismo cronológico (errado) entre este episódio e o episódio dos Mártires de Salsete de Goa em 1583. Isto é, Maurizio Serpe colocou o episódio de Salsete precisamente no dia 15 de Julho, quando este tinha acontecido a 25 de Julho<sup>4</sup>. Conhecemos dois relatos relativos aos Mártires do Brasil (1570) pelos italianos Giulio Cesare Cordara e António Rossi, referindo uma visão de este martírio por parte de Marcello Mastrilli, futuro mártir do Japão (1637), visão que, todavia, não aparece referida em nenhuma das biografias oficiais deste jesuíta mártir<sup>5</sup>.

A importância na hagiografia católica deste episódio de martírio advém ainda da sua relação com o culto da Madonna di San Luca, culto muito fomentado

<sup>2</sup> José HERNÁNDEZ PALOMO y Cristina OSSWALD, *Aspectos del culto a Ignacio de Azevedo y sus treinta y nueve compañeros mártires en 1570*, in *Sevilla y América en la historia de la Compañía de Jesus*, ed. José HERNÁNDEZ PALOMO y José DEL REY FAJARDO SJ, Roma/ Sevilha, Institutum Historicum Societatis Iesu e Escuela de Estudios Hispano-Americanos/ Consejo Superior de Investigaciones Científicas (no prelo).

<sup>3</sup> Cristina OSSWALD, *A iconografia do martírio para a Companhia de Jesus entre os sécs. XVI e XVII*, in *Revista Portuguesa de Filosofia* 64 (2008).

<sup>4</sup> *Os quarenta mártires do Brasil: relação da Biblioteca da Ajuda sobre o martírio do padre Inácio de Azevedo e seus companheiros*, in *Brasília* 2 (1943), 533-576.

<sup>5</sup> António CABRAL, *Relación del martyrio de los quarenta martyres de la Compañía de Jesus: vida del venerable martyr P. Ignacio Acevedo*, Madrid, Imprensa y Libreria de Manuel Fernandez, 1744, 216-217 e Antonio ROSSI, *Relazione della vita, e martirio del venerabil Padre Ignazio de Azevedo ucciso dagli eretici com altri trentanove della Compagnia di Gesù*, Roma, 1743, Stamperia de Antonio Rossi, 177-178.

pelos jesuítas, e com Santa Teresa de Ávila, figura primordial na devoção católica da Época Moderna<sup>6</sup>.

Na hagiografia da Companhia de Jesus, o Geral Francisco de Borja é considerado, por norma, a principal figura na difusão do culto da Madonna di San Luca. Destoa o hagiógrafo de jesuítas portugueses, António Franco, com a sua teoria que a reprodução das primeiras cópias desta imagem para as missões se tinha sobretudo devido aos insistentes apelos nesse sentido por parte de Inácio de Azevedo<sup>7</sup>. Tal teoria parece-nos não apresentar fundamento histórico, por falta de confirmação por qualquer outro documento.

Todavia, não temos dúvida em afirmar que Inácio de Azevedo foi a principal figura na origem do interesse por esta devoção em Portugal. Foi Azevedo o introdutor deste culto em Portugal, quando levou consigo a primeira cópia autorizada desta *acheiropoton* (imagem à qual é atribuído um carácter divino) como oferta do Papa à Rainha D. Catarina. Antes de oferecer esta imagem à Rainha, Azevedo encarregou o seu futuro companheiro de martírio, Juan de Mayorga, de pintar quatro cópias da mesma imagem. Para além da cópia que reservou para si e com a qual, reza a tradição, teria morrido nas mãos, destinavam-se as restantes cópias aos colégios de S. Antão, Coimbra e ao noviciado de Évora. Era a imagem em Évora ainda objecto de culto especial no início do século XVIII<sup>8</sup>. Em cumprimento do pedido feito por Inácio de Azevedo à Rainha D. Catarina, a imagem que se encontra em S. Roque corresponderá à imagem trazida de Roma<sup>9</sup>.

Azevedo está ainda ligado de modo indirecto à introdução deste culto no Brasil. Nos séculos XVII e XVIII acreditava-se ainda que a imagem da Madonna di San Luca conservada na actual catedral de S. Salvador da Baía fosse a mesma que Azevedo segurava nas mãos, quando foi martirizado e morto.

Liga-se a esta crença um dos mais curiosos episódios da hagiografia de Inácio de Azevedo. Numa versão lendária corrente do martírio difundida a partir do relato mais antigo (uma carta de Pêro Dias com a data de 17 de Agosto de 1570 e dirigida ao Geral Francisco de Borja), posteriormente autenticada pelos processos de beatificação, os calvinistas nunca conseguiram tirar a imagem da Madonna di San Luca das mãos de Inácio de Azevedo. Depois de o corpo ter ficado muito tempo à boiar com o braço erguido, ao anoitecer, este mesmo braço depositou su-

---

<sup>6</sup> Cristina OSSWALD, *O martírio de Inácio de Azevedo e dos seus trinta e nove companheiros (1570) na hagiografia da Companhia de Jesus entre os sécs. XVI e XIX*, in *Actas da conferência Iconografia das Devoções Nacionais* (Maio 2008), Lisboa, Universidade Católica Portuguesa (no prelo).

<sup>7</sup> António FRANCO, *Imagem da Virtude em o noviciado da Companhia de Jesus no Real Collegio de Jesus de Coimbra em Portugal*, Évora, Officina da Universidade, 1719, vol. II, 77.

<sup>8</sup> Francisco FONSECA, *Evora Gloriosa*, Roma, Officina Komarekiana, 1728, 368.

<sup>9</sup> António FRANCO, *Imagem da virtude em o noviciado da Companhia de Jesus no Real Collegio de Jesus de Coimbra em Portugal*, ed. cit., 77.

avemente a imagem nas mãos dum homem católico que se encontrava numa outra nau, e que a levou às escondidas dos hereges até à Ilha da Madeira. Este português teria então entregue esta imagem aos jesuítas que a levaram para o Brasil e que, segundo alguns relatos seiscentistas e setecentistas, teria ainda vestígios do sangue de Azevedo<sup>10</sup>.

Por outro lado, a visão que Teresa de Ávila (parente de Francisco Godoy, um dos companheiros de martírio de Inácio de Azevedo) terá tido deste episódio de martírio foi o presumível milagre que esteve na origem da beatificação de Inácio de Azevedo e seus companheiros. Ademais, as visões com as quais teria sido distinguida Teresa de Ávila foram um dos aspectos mais ressaltados pela hagiografia na construção da santidade de esta figura.

De igual modo, dentro do contexto das visões sobrenaturais, para além de Inácio Azevedo, cinco dos futuros mártires do Brasil teriam sido distinguidos com a revelação divina do seu martírio<sup>11</sup>.

## O culto dos quarenta mártires do Brasil

Os processos de beatificação destes quarenta homens começaram em 1628 em conjunto com os do grupo de mártires comandados por Pedro Diaz e mortos em 1571 também nas águas das Canárias com a audição de testemunhas na cidade de Coimbra. Seguiram-se novas audições em 1631 nas cidades do Porto, Braga, Lisboa, Coimbra, e em 1632 na Baía. Os processos foram depois limitados aos mártires de 1570, devido ao grande número de jesuítas martirizados<sup>12</sup>. Assim,

---

<sup>10</sup> António CABRAL, *Relación del martyrio de los quarenta martyres de la Compañia de Jesus*, ed. cit., 206, António FRANCO, *Imagem da virtude em o noviciado da Companhia de Jesus do Real Colégio do Espírito Santo de Évora do reino de Portugal, na qual se Contém a Fundação*, Lisboa, Officina Deslandes, 1714, 227, e Philippe ALEGAMBE, *Mortes illustres in gesta eorum de Societatis Iesu*, Roma, ex typographia Varesi, 1657, 312.

<sup>11</sup> C. 1640, D. António Pinheiro, Bispo de Miranda, tinha o hábito pregar as revelações consideradas sinais sobrenaturais, com as quais teriam sido distinguidos Inácio de Azevedo, Nicolau Diniz, António Correia, Manuel Alvarez, Estevo Zuraire e Marcos Caldeira. (Archivio della Postulazione [AdP] 17. *Brasilien. Canonizationes, seu declarationes Martirij Servorum Dei Ignatij Azevedi, & triginta octo Sociorum è Societate Iesu, & alterius Adaucti.: Informatio D. Jo. Bottinii Sac. Consistorii advocati, bncum responsionibus iuris ad oppositiones 4R. P. D. Fidei Promotonis*, Romae, 1671, 33-38).

<sup>12</sup> Esta dificuldade, que continua a ser um obstáculo para os trabalhos de canonização, foi sentida pelo P. António Vieira:

«Eu fico trabalhando na canonização dos mártires, que por muitos, e portugueses, têm encontrado grandes embaraços na emulação; contudo esperamos que antes da Páscoa nos dê Sua Santidade estas boas festas.» (*Carta do P. António Vieira SJ ao Marquês de Gouveia, 31.1.1671*, in *Cartas do P. António Vieira*, ed. João Lúcio AZEVEDO, Lisboa, Imprensa Nacional, 2ª edição, 1997, vol. II, 317)

em 1742, Bento XIV reconheceu este martírio, datando a beatificação dos quarenta mártires de 11 de Maio de 1854. Decorrem actualmente os processos para a canonização de estes mártires.

Todavia, o culto destes quarenta mártires de 1570 iniciou-se logo a seguir ao «ditoso sucesso». Pio V. honrou os quarenta mártires em 1571, referindo o seu martírio voluntário (*motu proprio*) na breve *Dum Indefese* de 7 de Julho<sup>13</sup>.

Quando foi consultado acerca do culto a estes mártires, o Geral Francisco de Borja respondeu:

«Estes mártires começaram a ser venerados desde a sua morte, graças à autorização dos bispos e também em Roma. Por indulto da Sé Apostólica, estes mártires começaram a ser venerados com as honras de mártires em muitas praças».<sup>14</sup>

Pouco depois do massacre, os habitantes de Masso, pequena vila na Ilha de Palma, deliberaram a fundação duma confraria em memória destes homens<sup>15</sup>. Em 1632, Azevedo e os seus companheiros de martírio foram declarados padroeiros da mesma ilha<sup>16</sup>.

Quinze dos mártires do Brasil eram noviços em Évora, razão do grande fervor que surgiu na mesma cidade à chegada da notícia deste acontecimento.

Este culto difundiu-se com prontidão, não só na Península Ibérica, como também em Itália e no Brasil. Um notável aumento de religiosidade verificado nas aldeias brasileiras durante os primeiros anos da década de 1570 foi de imediato relacionado com este episódio<sup>17</sup>. A primeira celebração oficial em honra destes mártires decorreu, aliás, precisamente em S. Salvador da Baía em 15 de Julho de 1574. Esta festividade incluiu epigramas e sermão, tendo sido ainda os mártires declarados Padroeiros do Brasil na mesma ocasião<sup>18</sup>.

---

<sup>13</sup> *Os quarenta mártires do Brasil: relação da Biblioteca da Ajuda sobre o martírio do padre Inácio de Azevedo e seus companheiros*, ed. cit., 444.

<sup>14</sup> Serafim LEITE, *História da Companhia de Jesus no Brasil*, Lisboa e Rio de Janeiro, Portugalíia e Civilização Brasileira, 1938, tomo II, 264.

<sup>15</sup> Giulio Cesare CORDARA, *Istoria della vita e della gloriosa morte del Beato Ignazio de Azevedo e di altri trentanove martiri della Compagnia di Gesù*, Roma, Tip. di B. Morini, 1854, 142.

<sup>16</sup> Julián ECRIBAÑO GARRIDO, *El Padre Ignacio de Azevedo y Compañeros «Mártires de Tazacorte»*, La Palma, Parroquia de San Miguel Arcángel de Tazacorte y Arciprestazgo de los Llanos de Aridane, 1992, 12.

<sup>17</sup> Giulio Cesare CORDARA, *Istoria della della vita e della gloriosa morte del Beato Ignazio de Azevedo*, ed. cit., 142.

<sup>18</sup> Serafim LEITE, *História da Companhia de Jesus no Brasil*, ed. cit., tomo VIII, 69.

De facto, o culto destes mártires ganhou um alcance internacional. Segundo se lê numa das provas de facto apresentadas pelo postulador Claude Bouillard em 1671, estes mártires gozavam de «publica voz e fama nunca negada ou colocada em causa» não apenas nas Índias, como também em Portugal, Espanha, França, Inglaterra, Alemanha, Itália e Flandres<sup>19</sup>. Em especial, o Decreto da sua Beatificação de 1854 salientou a existência de um culto público a estes mártires em Portugal, Espanha, Brasil e Itália<sup>20</sup>.

De acordo com várias testemunhas dos processos do Porto e de Coimbra (1631), o jovem mártir António Correia (1553-1570) era, à época, objecto de culto especial no Porto, sua cidade natal<sup>21</sup>. Em finais do séc. XVIII foi instaurada na Diocese de Pamplona a celebração do ofício com festa a 30 de Agosto em memória de Esteban de Zudaire.

Observa-se, no entanto, desde os seus primórdios, uma concentração da hagiografia no episódio do martírio e ainda na figura do seu líder Inácio de Azevedo. Um dos motivos para tal facto foi a extrema juventude de uma grande parte dos companheiros de Azevedo, que significou uma escassez de dados hagiográficos. Além disso, uma dispersão devocional e iconográfica poderia constituir um obstáculo para a rápida identificação deste martírio por parte dos fiéis<sup>22</sup>.

## A escassez de relíquias

Um dos problemas encontrados pelos responsáveis da Companhia de Jesus na difusão deste culto foi a escassez de relíquias. Depois de deitarem todos os jesuítas vivos ou mortos ao mar (apenas o jesuíta João Sanches foi poupado, devido aos seus dotes culinários), os corsários fizeram questão em destruir os objectos devocionais que os católicos traziam consigo (imagens, breviários, e outros).

---

<sup>19</sup> AdP. 13. *RISTRETTO del Sommario presentato alla S. Congregatione de Riti L'Anno MDCCLXX. Nella Causa de' Venerabili Sevi di Dio IGNATIO di Azebedo, e trenta nove altri della Compagnia di GIESV. Col Fatto, Prove, Oppositioni, Risposte, Miracoli, e Nomi. Dato in LVCE DAL SIGNOR CLAVDIO BOUILLAUD Procuratore della Causa*, Roma, Stamperia Della Reverenda Camara Apostolica, 1671, 4.

<sup>20</sup> No início do séc. XVII era comum a prática das crianças cantarem as virtudes destes mártires pelas ruas das cidades brasileiras e portuguesas. *Istoria della vita e della gloriosa morte del Beato Ignazio de Azevedo e di altri trentanove martiri della Compagnia di Gesù*

<sup>21</sup> AdP 31. *Azevedo Processi Originali 1628, Informat.<sup>vo</sup> Ordina.<sup>o</sup> in Oporto 1628*, f. 9 e AdP. 31. *Azevedo Processi Originali 1631, Informativo Apostolico, Coimbra, 1631*, f. 8v e 11v.

<sup>22</sup> José HERNÁNDEZ PALOMO y Cristina OSSWALD, *Aspectos del culto a Ignacio de Azevedo*, ed. cit.

Entre as escassas relíquias ainda existentes e relacionadas com estes mártires, destaca-se o cálice (fig.1), com o qual Inácio de Azevedo, segundo nos diz a tradição, terá celebrado a sua última missa em terra no dia 13 de Julho de 1570 em San Miguel de Tazacorte. Segundo a lenda hagiográfica, no momento em que bebeu deste cálice, Inácio de Azevedo teve uma visão do seu martírio próximo, gravando-se então milagrosamente os seus dentes no bordo do mesmo cálice<sup>23</sup>.

Um cofre (fig. 2) documentado desde 1745 na Ermida de San Miguel de Tazacorte guardará alguns objectos litúrgicos que Inácio de Azevedo teria oferecido ao seu amigo Melchior de Monteverde y Pruss, seu anfitrião durante a sua curta estadia em Tazacorte<sup>24</sup>.

Tal escassez de relíquias significou que os locais onde os mártires viveram, ou, pelo menos, por eles frequentados, mereceram uma veneração especial. A cruz junto à qual os futuros mártires se dirigiam em oração durante a sua estadia em Vale de Rosal, junto a Lisboa, antes de embarcarem para a Madeira e depois para as Canárias constituía uma inestimável relíquia, mas de destino incerto. António Cabral escreveu que esta cruz tinha sido dividida em fragmentos vários que se encontravam então em posse dos colégios da Baía, de Coimbra e ainda em Vale de Rosal<sup>25</sup>.

António Franco, pelo contrário, afirmou que esta cruz se encontrava na Capela do Colégio de S. Antão em Lisboa poucos anos antes de ele escrever a sua obra *Imagem de Virtude no Noviciado de Coimbra*. Informa-nos ainda António Franco que, em 1659, um procurador do Brasil teria mandado erguer uma cruz em mármore no local onde se encontrava antes a cruz visitada pelos mártires<sup>26</sup>.

Criou-se uma tradição, de acordo com a qual Inácio de Azevedo e os seus companheiros de martírio tinham estado na Quinta do Pico do Cardo, Ilha da Madeira, onde tinham erguido uma cruz. O jesuíta P. Lopes, em carta escrita ao seu companheiro José Leite a partir da Cidade do Funchal e com a data de 20 de Março de 1752, mencionou uma lâmina em mármore datada de 1743 contendo a seguinte inscrição:

«EM MEMÓRIA. DOS GLORIOSOS.MARTIR-  
ES, DA COMP.<sup>A</sup> DE.JESU. O. IGNACIO.DE A-  
ZEVEDO. E SEUS. 39 COMPANHEIROS. QUE.

---

<sup>23</sup> António RUMEAU DE ARMAS, *La expedición misionera al Brasil martirizada en aguas de Canarias (1570)*, in *Missionalia Hispánica* 11 (1947), 340.

<sup>24</sup> Julián ESCRIBAÑO GARRIDO, *El padre Ignacio de Azevedo y Compañeros «Martires de Tazacorte»*, *ed. cit.*, 8-9.

<sup>25</sup> António CABRAL, *Relación del martyrio de los quarenta martyres de la Compañia de Jesus*, *ed. cit.*, 129.

<sup>26</sup> António FRANCO, *Imagem da Virtude em o noviciado da Companhia de Jesus no Real Collegio de Coimbra em Portugal*, *ed. cit.*, 84 e 90.

NAVEGANDO. P.<sup>A</sup> O BRASIL NO. ANNO. DE 1570. A-  
OS. 15. DE. JULHO. A. VISTA. DA. ILHA. DA. PALMA.  
MERCERÃO.A. DO. MARTIRIO. PELLA. FÉ. DE.  
CHRISTO, LANÇADOS AO. MAR. PELLAS. HE-  
REJES. E. TENDO. ESTADO. NESTA QUINTA. DE.  
PICO. DE CARDO. VINHÃO. A. ESTE. LUGAR.  
COM. A. SUA. CRUS. E NELLE. FAZIÃO. AS. SUAS  
DEVOÇÕES. SE EREGIO. ESTA. P.<sup>A</sup> MAIOR GLO-  
RIA. DE DEOS. NA. DE. 1745<sup>27</sup>».

## O texto e a hagiografia dos quarenta mártires do Brasil

Uma carta escrita pelo P. Pedro Diaz ao Geral Francisco de Borja em 17 de Agosto de 1570, que é o mais antigo relato deste martírio, foi ainda impressa no mesmo ano em Roma em língua italiana. Seguiram-se nada menos do que catorze reedições deste relato em diferentes línguas para facilitar a sua difusão<sup>28</sup>.

Na numerosa literatura jesuíta focando este martírio, destacamos as biografias dos mártires e de seus contemporâneos, em particular, as biografias do Geral Francisco de Borja a partir da sua mais importante biografia, escrita por Pedro de Ribadeneira (1594), assim como as crônicas das províncias do Brasil, de Portugal e de várias províncias jesuítas espanholas de onde eram provenientes os companheiros de Azevedo, para além das crônicas das províncias jesuítas do Oriente<sup>29</sup>. O tema ocupa ainda naturalmente um papel destacado na obra de edificação do jesuíta português António Franco.

<sup>27</sup> Biblioteca Pública Municipal do Porto [8BPMP], *Manusc. 162: Sylvio Mondano, Chronica dos PP. Jezuitas de Portugal, finais séc. XVII/ séc. XVIII*, ff. 833-835.

<sup>28</sup> Serafim LEITE, *Ditoso sucesso do P. Inácio de Azevedo Provincial do Brasil e dos que iam em sua companhia [carta inédita do P. Pero Dias, da Ilha da Madeira, 18 de Agosto de 1570]*, in *Brotéria* 43 (1946), 193-200.

<sup>29</sup> Baltasar TELES, *Chronica da Companhia de Jesu, na Provincia de Portugal; e do que fizeram, nas conquistas d'este Reyno, os religiosos, que na mesma Provincia entraram, nos annos em que viveo S. Ignacio de Loyola*, Lisboa, Pedro Craesbeck, 1645-1647, Simão de VASCONCELOS, *Chronica da Companhia de Jesu do Estado do Brasil e do que obrarão seus filhos nesta parte do Novo Mundo: tomo primeiro da entrada da Companhia de Jesu nas partes do Brasil e dos fundamentos que nellas lançarão & continuarão seus religiosos em quanto alli trabalhou o Padre Manoel da Nobrega com sua vida & morte & alguãs Noticias antecedentes curiosas & necessarias das cousas daquelle Estado*, Lisboa, na officina de Henrique Valente de Oliveira, 1663, 2 vols, Bartholomé ALCAZÁR, *Chrono-historia de la Compañia de Jesus, en la Provincia de Toledo y elogios de sus varones*, Madrid, Juan Garcia Infançon, 1710, e Giovanni Pietro MAFFEI, *Rerum a Societatis Iesu in Oriente gestarum volumen primum*, Nápoles, aedibus Decii Lachaei, 1579.

O tema foi obviamente destacado pelos principais autores dos martirologios jesuítas, entre eles Richard Verstegen, Philip Alegambe e o português Bartolomeu Guerreiro. O último tinha, aliás, sido ouvido como testemunha durante os processos relativos à beatificação dos quarenta mártires realizados em Évora em 1631<sup>30</sup>.

Muito significativo do considerável impacto deste episódio para além da Companhia de Jesus e do âmbito português foi a sua inclusão em histórias do mundo, começando com a obra de Lorenzo Surio *Commentarius brevis rerum in orbe gestarum ab anno 1500. Usque in anno 1574. ex optimis quibusque scriptoribus congestus*<sup>31</sup>.

O tema encontrou, de igual modo, eco imediato na poesia a cargo da Companhia de Jesus. Um outro ilustre missionário do Brasil, José de Anchieta (1534-1597), que era natural das Canárias, e que privou com Inácio de Azevedo no Brasil, compilou vários poemas com o título *Cancioneiro dos Mártires do Brasil*. Inclui esta compilação dois poemas dedicados aos quarenta mártires, dois poemas em memória de Inácio de Azevedo, um poema honrando o pastor mártir Manuel Alvares e ainda dois poemas comemorando o martírio de Pedro Diaz e dos seus onze companheiros<sup>32</sup>.

O P. João Madureira (mártir da Inglaterra em 1601), que tinha aconselhado o jovem Azevedo a fazer os Exercícios Espirituais, facto que terá contribuído para a entrada do segundo na Companhia de Jesus, dedicou um epigrama a Inácio de Azevedo, um epigrama a todo o grupo, e ainda um epigrama a Miguel Aragonês, companheiro de martírio de Pedro Diaz<sup>33</sup>.

À semelhança de José de Anchieta, o flamengo Gerard Montano (1584-1617) na sua obra *Centuria Epigrammatum in Martyres Societatis* (1623), a qual

<sup>30</sup> Philippe ALEGAMBE, *Mortes illustres et gesta eorum de Societate Iesu. Extremos aliquot annos, mortesque illustres usque ad annum MDCLV adiecit Ioannes Nadasi*, Roma, ex typographia Varesij, anno 1657, Richard VERSTEGEN, *Theatrum Crudelitatum Haereticorum nostri Temporis*. Antuérpia, Adrianum Huberti, 1588, e Bartolomeu GUERREIRO, *Gloriosa coroa d'esforçados religiosos da Companhia de Jesu mortos polla fe catholica*, Lisboa, Antonio Alvarez, 1642.

<sup>31</sup> Lorenzo SURIUS, *Commentarius brevis rerum in orbe gestarum ab anno 1500. Usque in anno 1574. ex optimis quibusque scriptoribus congestus*, Colónia, Johann Erben, 1578.

<sup>32</sup> Este cancionero foi publicado na íntegra por Armando Cardoso em 1984. (*P. Joseph Anchieta, obras completas*, introdução e notas por Armando CARDOSO, S. Paulo, Loyola, 1984, 3 vol., 92-100)

<sup>33</sup> Juan Madureira foi muito importante na vida de Inácio de Azevedo, pois convenceu Inácio de Azevedo a realizar os Exercícios Espirituais em Coimbra, após os quais Inácio de Azevedo entrou na Companhia de Jesus. (Antonio ROSSI, *Relazione della vita, e martirio del venerabil Padre Ignazio de Azevedo ucciso dagli eretici*, ed. cit., 177 e Baltasar TELES, *Chronica da Companhia de Jesu, na Provincia de Portugal*; ed. cit., vol. I., 271).

teve grande difusão até ao séc. XVIII, dedicou um poema a Inácio de Azevedo e um outro poema a Manuel Álvares<sup>34</sup>.

Por sua vez, o jesuíta italiano Francesco Benci escreveu poemas comemorando Inácio de Azevedo, assim como os seus companheiros de nacionalidade espanhola na sua obra em honra dos mártires de Salsete, Goa, e com a data de 1594<sup>35</sup>.

Será ainda de referir o costume dos jesuítas Brasileiros e portugueses celebrarem o aniversário deste martírio com orações e poesias.

## A variedade de suportes iconográficos

A imagem foi com o texto um instrumento essencial da Companhia de Jesus na divulgação deste martírio. Em 1742, o Papa Bento XI decretou a multiplicação ilimitada de imagens para fomentar o culto destes mártires, dada a quase inexistência de relíquias<sup>36</sup>.

No entanto, a difusão deste martírio através da imagem tinha tido início muito antes, ou seja, logo após o martírio. O primeiro retrato *post mortem* de Inácio de Azevedo foi talvez o retrato encomendado pelo seu irmão Jerónimo de Azevedo, pouco depois de ter sido informado acerca deste martírio. De maior significado foi, sem dúvida, a circulação duma relação do martírio ilustrada com gravuras que foi encomendada ainda durante o generalato de Francisco de Borja<sup>37</sup>.

Um quadro com este martírio colectivo foi colocado antes de 1597 no dormitório do mais importante noviciado jesuíta, ou seja, o Noviciado de Sant' Andrea al Quirinale, Roma. De igual modo, o programa iconográfico de San Vitale pintado antes de 1611 inclui uma representação deste episódio<sup>38</sup>. Nada menos que a urna funerária de Inácio de Loyola no *Il Gesù* de 1637 mostra na parte da frente

---

<sup>34</sup> Gerardo MONTANO, *Centuria Epigrammatum in Martyres Societatis*, Madrid, Luiz Sanchez, 1623 e Juan ESCALERA, *Berghe (Montanus)*, Gerardo Van den, in *Diccionario histórico de la Compañía de Jesús: biográfico-temático*, ed. Charles E. O' NEILL, S. I., y Joaquín M. DOMÍNGUEZ, S. I., Roma, Institutum Historicum Societatis Iesu, 2001, vol. I, 415.

<sup>35</sup> Francesco BENCI, *Poëmatis de quinque martyribus*, Roma, Typographia Vaticana, 1592.

<sup>36</sup> AdP. 20. *Brasilien. Redingrationis Cultus Ven. Servorum Dei Ignatii de Azevedo et XXXIX. Sociorum Martyrium*, f. 27.

<sup>37</sup> Giulio Cesare CORDARA, *Istoria della vita e della gloriosa morte del Beato Ignazio de Azevedo*, ed. cit., 6.

<sup>38</sup> Karl Josef HÖLTGEN, *The illustrations of Louis Richeome's «La peinture spirituelle» (1611) and Jesuit iconography*, in *Florilegio de estudios de emblemática: actas del VI Congreso Internacional de Emblemática de the Society for Emblem Studies*, ed. Sagrario LÓPEZ POZA, Ferrol (A Coruña), Sociedad de Cultura Valle Inclán, 2004, 452-453.

Inácio de Azevedo com a imagem da Madonna di San Luca nas mãos entre alguns dos jesuítas mais ilustres da Primeira Companhia<sup>39</sup>.

Segundo narra o biógrafo de artistas Filippo Baldinuci na sua obra *Notizie de' professori del disegno da Cimabue in qua*, o Geral Gian Paolo Oliva encarregou após 1661 o pintor italiano Giacomo Cortese (1621-1676), pintor especializado em naufrágios e conhecido como Il Borgognese, de pintar um quadro óleo com este martírio para o noviciado romano de Sant'Andrea<sup>40</sup>. Este quadro, que foi a última obra de Il Borgognese, encontra-se, desde meados do séc. XVIII, na colecção do Palazzo del Quirinale em Roma<sup>41</sup>.

Quadros e estampas dos mártires com as respectivas insígnias encontravam-se expostos nos refeitórios de todos os colégios da Companhia no Brasil e em Portugal<sup>42</sup>.

Difundiou-se ainda o costume de os missionários levarem consigo durante as suas viagens gravuras destes mártires no interior de breviários. Este episódio foi, aliás, destacado através de gravuras isoladas ou ilustrando os frontispícios de livros, em particular, de crónicas da Companhia, como o *Thesaurus Rerum Indicarum* de 1595, e ainda das *vitae* de Loyola e de Xavier impressas, em especial, por ocasião das respectivas beatificação e canonização.

Porventura, a publicação de estampas com este martírio foi mesmo considerada excessiva. Particularmente ilustrativa, uma carta do secretário do Papa Bernardo de Angelis ao Provincial de Roma com a data de 16 de Junho de 1601 proíbe a impressão de estampas dos milagres de Inácio de Azevedo sem autorização papal, assim como a continuação da sua venda<sup>43</sup>.

Gostaríamos ainda de observar que treze testemunhas dos processos de beatificação realizados em 1631 em Coimbra responderam afirmativamente ao quesito, se sabiam «que forão pintados com as insígnias do martírio e seus nomes esculpidos e como os sabe». Cinco destas testemunhas falaram de uma reacção de grande devoção criada entre os crentes pelos quadros e gravuras destes mártires.

---

<sup>39</sup> Carlo BRICARELLI, *Alcune Sculture all'altare di Sant'Ignazio nel Gesù di Roma*, in *La Canonizzazione dei Santi Ignazio di Loiola Fondatore della Compagnia di Gesù e Francesco Saverio Apostolo dell'Oriente*, ed. COMITATO ROMANO ISPANO PER LE CENTENARIE ONORANZE, Roma, Grafia 1922, 113.

<sup>40</sup> Filippo BALDINUCCI, *Notizie dei professori del disegno da Cimabue in qua : per le quali si dimostra come, e per chi le belle arti di pittura, scultura e architettura, lasciata la rozzezza delle maniere greca e gotica, si stiano in questi secoli ridotte all'antica loro perfezione*, con nuove annotazioni e supplementi per cura di F. RANALLI, Firenze, Studio per Edizioni Scelte, 1974, vol. I, 215.

<sup>41</sup> Lione PASCOLI, *Vite de' pittori, scultori ed architetti moderni*, Roma, De Rossi, 1730, 180-181.

<sup>42</sup> Manuel GONÇALVES DA COSTA, *Inácio de Azevedo e a «Informação da sua morte*, in *Brotéria* 38 (1944), 170.

<sup>43</sup> Archivum Romanum Societatis Iesu [ARSI], *Roma 2, Carta do Secretário do Papa Bernardo de Angelis ao Provincial de Roma, 16 de Junho de 1601*, f. 141.

Estas imagens eram a fonte de uma tal emoção entre os crentes, que chegavam a suscitar as suas lágrimas<sup>44</sup>.

Coincidência ou não, de visita às Ilhas Canárias entre 1631 e 1633, ou seja, na altura em que decorriam os primeiros processos de beatificação destes mártires, o P. Alonso Cano deu-se conta que apenas alguns anciãos conheciam ainda a história do martírio de 1570. Por essa razão, este jesuíta decidiu encomendar a pintura de um óleo com o mesmo tema, actualmente desaparecida, mas que influenciou três quadros nas igrejas de S. Miguel de Tzacorte, S. Salvador de Santa Cruz em La Palma e no Museu Diocesano de Arte Sacra da Catedral de Santa Ana de Las Palmas<sup>45</sup>.

O martírio de Azevedo e dos seus trinta e nove companheiros em 1570 foi ainda tratado pelo teatro jesuíta. O V acto da peça de Vincenzo Guinigi *Ignatius in Monte Serrato*, levada à cena em 1623 em Roma, foi dedicado a Inácio de Azevedo.

## A concentração iconográfica nas representações colectivas do martírio e na figura de Inácio de Azevedo

Seguindo a tendência da hagiografia, parece-nos muito provável que a iconografia se tenha concentrado essencialmente no episódio colectivo e na figura de Inácio de Azevedo. Ademais, o reduzido espólio iconográfico ainda existente consiste, sobretudo, em retratos de Inácio de Azevedo, em representações do martírio, e ainda em representações da glorificação colectiva dos membros do Companhia.

No que se refere à última tipologia, destaca-se o tecto da sacristia do antigo colégio jesuíta de S. Salvador da Baía, Brasil, que foi pintado entre 1683 e 1694<sup>46</sup>.

---

<sup>44</sup> Ernesto DOMINGUES, *Inácio d' Azevedo Retratos e Parentes, separata do Arquivo dos Jesuítas* 1977, s/p.

<sup>45</sup> José Guilherme ESCUDERO, *Los Mártires de Tzacorte: Los cuadros de El Salvador*, in *Anchieta Red Ignatiana de Canárias, 12 de Julho de 2007*, <http://www.redanchieta.org/spip.php?article125> e Cármen FRAGA GONZÁLEZ, *Iconografía de los PP. Azevedo y Anchieta, y del Hermano Pedro de Bethencourt*, in *I Colóquio de História Canária Americana* (1976), Gran **Canaria**, Excelentísimo Cabildo Insular, 1977, 445-452.

<sup>46</sup> Luís de MOURA SOBRAL, *Espiritualidade e propaganda nos programas iconográficos dos Jesuítas Portugueses*, in *A Companhia de Jesus na Península Ibérica nos sécs. XVI e XVII: espiritualidade e cultura, actas do Congresso Internacional, Maio de 2004*, Porto, Instituto de Cultura Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade do Porto/ Centro Interuniversitário de História da Espiritualidade da Universidade do Porto, 2005, 411-415.

No protótipo iconográfico mais comum (fig. 3), Inácio de Azevedo sozinho ou acompanhado pelos restantes companheiros de martírio e vestidos com a tradicional sotaina usada pelos jesuítas, segura a imagem de Nossa Senhora de S. Lucas que, em alguns casos, é ainda destacada pelo tamanho demasiado grande em relação ao tamanho dos mártires. Em todas as imagens que conhecemos, Inácio de Azevedo tem sempre barba para mostrar a sua meia-idade à data da morte em comparação com a extrema juventude de quase todos os seus companheiros.

Um barco é, para além do retrato da Madonna di San Luca, o outro atributo iconográfico praticamente obrigatório nos retratos de Inácio de Azevedo sozinho e comum nas representações colectivas do martírio.

Entre as representações colectivas deste martírio são de referir duas iconografias principais: o episódio do martírio e as assim chamadas galerias de mártires. No primeiro caso, vê-se os mártires a serem torturados, mortos e deitados à água. A partir da gravura ilustrando a obra do jesuíta francês Louis de Richeome (fig. 4), verifica-se que em várias imagens alguns dos mártires no mar têm os braços levantados, representando os mártires que foram lançados ainda vivos ao mar.

As galerias de mártires, que começaram provavelmente com os quadros de mártires decorando igualmente o noviciado romano de Sant' Andrea, terão servido de modelo para a gravura por Johannes Bussemacher em 1609 com textos baseados no capítulo «centuria Religiosorum Societas Jesu» da obra *Illustrium Scriptorium Religionis Societatis Iesu* de Pedro de Ribadeneira<sup>47</sup> (fig. 5).

Estas galerias que parecem ter constituído uma tipologia artística exclusiva dos jesuítas mostram «os companheiros» por ordem cronológica do seu martírio segurando a palma, tradicional atributo do martírio. São ainda acompanhados por instrumentos de martírio que, todavia, nem sempre correspondem aos instrumentos mencionados nas fontes documentais.

De acordo com o relato do Irmão Pressuti, quadros com os cento e vinte mártires da Companhia formavam um elemento importante da decoração de *Il Gesù* em 1622, a qual foi saudada por Gregório XV com o elogio «Avete fatto una bella Corona»<sup>48</sup>. De igual modo, as relações de festas portuguesas por altura da canonização de Inácio de Loyola e Francisco Xavier em 1623 descrevem *tableaux vivants* de mártires da Companhia fazendo lembrar a galeria de mártires de *Il*

<sup>47</sup> Pedro de RIBADENEIRA, *Illustrium Scriptorum Religionis Societatis Iesu Catalogus*, Lugduni: Jean Pillehotte, 1608, 185-201.

<sup>48</sup> Ilario M. AZZOLINI, *Le immagini dei martiri della Compagnia di Gesù nell'addobbo del tempio farnesiano per la canonizzazione del 1622*, in *La Canonizzazione dei Santi Ignazio di Loiola Fondatore della Compagnia di Gesù e Francesco Saverio Apostolo dell' Oriente*, Roma, ed. COMITATO ROMANO ISPANO PER LE CENTENARIE ONORANZE, 1922, 99.

*Gesú*<sup>49</sup>. Por outras palavras, datam sobretudo estas galerias por ocasião das beatificações e canonizações jesuítas no séc. XVII (Inácio de Loyola foi beatificado em 1609 e canonizado em 1622, enquanto Francisco Xavier foi beatificado em 1619, tendo sido canonizado com Inácio de Loyola em 1622), ou seja, como suporte devocional e iconográfico das mesmas celebrações.

Conhecemos, todavia, exemplares destas galerias de mártires datadas do séc. XVIII. É o caso das seis placas com mártires de finais do séc. XVII/ inícios do séc. XVIII provenientes do antigo noviciado da Companhia de Jesus na cidade alemã de Landberg am Lech e actualmente conservadas no museu da mesma cidade, e as séries de retratos de mártires jesuítas do antigo Colégio jesuíta de Paderborn, c. 1700, presentemente no Museu Diocesano da mesma cidade.

Também pensamos que é possível incluir nesta categoria o quadro a óleo do séc. XVII conservado na principal igreja de S. Salvador em Santa Cruz de la Palma e que mostra vários mártires com os diferentes instrumentos da tortura e martírio, como a espada, o punhal e o machado cravados em diferentes partes do corpo.

Outras imagens representam ainda estes mártires em simultâneo a devoções especialmente fomentadas pela Companhia de Jesus e/ou episódios bíblicos. Destacam-se, neste contexto, as representações ligadas à morte de Cristo: a Crucifixão e a Pietà, como vemos em uma gravura de 1605 do flamengo Johan Wierix, a qual combina os dois temas com os mais de cem mártires da Companhia de Jesus<sup>50</sup>.

No caso da iconografia efémera das festividades, foi sobretudo favorecido o protótipo de uma carroça em forma de nau desfilando pela cidade e carregada com os figurantes dos santos mártires da Companhia comandados por Inácio de Azevedo ao leme<sup>51</sup>.

O facto de a visão de Teresa de Ávila (fig. 6) ter sido o presumível milagre que esteve na origem da beatificação dos quarenta mártires do Brasil teve como consequência que esta visão de Teresa de Ávila em conjunto com a glorificação dos quarenta mártires em 1570 se tornou um dos mais representativos protótipos iconográficos destes mártires fixados durante a época da beatificação, como

---

<sup>49</sup> Cristina OSSWALD, *A iconografia do martírio para a Companhia de Jesus entre os sécs. XVI e XVIII*, ed. cit.

<sup>50</sup> Castillo de Javier, Navarra, Fondo Schurhammer, Schurhammer-III-1115.

<sup>51</sup> *Relaçam Geral da Festas que fez a Companhia de Jesús na Provincia de Portugal, na canonização dos gloriosos Sancto Ignacio, & S. Francisco Xavier Apostolo da India Oriental no anno de 1622*, Lisboa, Pedro Craesbeeck, 1623, f. 24, *Relacion de las fiestas, que la compañía de Jesus hace en la canonización de S. Inacio de Loyola y de S. Francisco Xavier: comiençanse en 30. de Julio, y acabanse en 7. de Agosto*, Lisboa, Geraldo de la Vinha, 1622, f. 5, e Cristina OSSWALD, *Iconografia das Cerimónias de Canonização no contexto português*, in *Brotéria* 163 (2006), 338.

vemos em um quadro de Giuseppe Baguasco de 1855 e na respectiva gravura do Beato Inácio de Azevedo ilustrando a obra do P. Alfredo Hamy de 1893<sup>52</sup>.

Inácio de Azevedo descendia de duas ilustres famílias portuguesas: a Família Malafaya e a Família Azevedo. Entre as suas virtudes mais destacadas pela hagiografia, encontra-se a nobreza de sangue, como vem referido no subtítulo da gravura de Mathias Küssell ilustrando o martirologio de Mathias Tanner. Seria ainda de salientar que no Livro do Armeiro Mor se encontram representadas as armas das três nobres famílias a que pertenciam os três primeiros provinciais do Brasil: os Padres Manuel da Nóbrega, Luís da Grã e Inácio de Azevedo. No caso do Inácio de Azevedo, o seu retrato é precisamente acompanhado pelo escudo da Família Azevedo.

## Algumas observações acerca da iconografia dos restantes mártires

Não obstante esta concentração hagiográfica, existiu uma iconografia retratando os outros mártires. Através da documentação oficial relacionada com os processos de beatificação, conhecemos a existência de estampas impressas em Roma dos vários mártires identificados com legenda com o seu nome, pátria e insígnia do martírio<sup>53</sup>.

Destaca-se a iconografia dos jesuítas, que tinham sido antes beneficiados com visões do seu futuro martírio. Como se encontra referido na *Acta Beatificationis*, 1853, nos processos de Évora de 1631 o P. Fernando Rebelo, SJ, visitador do Colégio de Bragança, tinha testemunhado que tinha visto vários quadros mostrando o P. António Correia de joelhos perante o Santíssimo Sacramento, simbolizando, com isso, a revelação que Correia teria tido do seu martírio, quando se encontrava em adoração ao Santíssimo<sup>54</sup>. Durante os mesmos processos foi igualmente mencionado um retrato em Lisboa mostrando o mártir Nicolau Diniz a dançar, após ter tido a visão do seu martírio próximo<sup>55</sup>.

Miguel Leitão de Andrade, primo do P. Diogo de Andrade (com Inácio de Azevedo era o único jesuíta de quatro votos), mencionou na sua obra *Miscellanea do sitio de N. Sa. da Luz do Pedrogão Grande: apparecimto. de sua s<sup>ta</sup>. imagem, fundação do seu Conv.<sup>to</sup>. e da See de Lxa com mtas. curiosidades e poezias diver-*

<sup>52</sup> Alfred HAMY SJ, *Gallerie illustrée de la Compagnie de Jesus*, Paris, chez l'auteur, 1893, vol. I, s/p, s/nr.

<sup>53</sup> AdP. 20. *Brasilien. Redingrationis Cultus Ven. Servorum Dei Ignatii de Azevedo et XXXIX. Sociorum Martyrium E. Soc. Iesu. Summarium Super Dubio, 21 Set. 1742, F.F. A Cardinalis Guadagni Pro Praefectus*, 10.

<sup>54</sup> AdP. 20. *Acta Beatificationis*, Roma, 1713-1853, 36.

<sup>55</sup> AdP 40. *De publicu Cultu erga 40. Martyrs ante Decreta S.mem. Urbani VIII*, f. 9.

*sas* um retrato do seu primo mártir na Igreja de S. Roque, Lisboa, o qual poderá aliás corresponder ao retrato conservado na mesma igreja<sup>56</sup>. Tem o frontispício do mesmo livro ainda um retrato de corpo inteiro de Diogo de Andrade.

As representações colectivas deste martírio parecem ter dado especial destaque ao mestre de noviços Bento de Castro (o jesuíta segurando o crucifixo no momento do martírio), como vemos no tecto da igreja da Baía e ainda nas gravuras e pinturas. Tal predominância iconográfica estará porventura relacionada com o facto de alguns relatos afirmarem que Bento de Castro foi o primeiro a ser morto pelos hereges<sup>57</sup>.

Maria Cristina Osswald

## Abstract

*The martyrdom of Inácio de Loyola and his thirty nine companions on sea in front of the Canarian Islands has a very important hagiographic meaning. More precisely, this event inserts itself in the contemporary culture of martyrdom and is connected to Saint Theresa of Avila, the latter having been one of the more distinguished figures of Post-Tridentine saintity.*

*The cult of the fourty martyrs of Brazil began immediatly after the event has occurred. Their beatification processes began 1628. This cult acquired an universal dimension, in particular, in the Iberian Peninsula, in Italy and in Brazil. Indeed, the first oficial feast in their honour was celebrated the 15<sup>th</sup> July 1574 in S. Salvador da Bahia.*

*As concerns their cult, Jesuit authorities clearly intended to foment the veneration of the places where these men leaved, because of the scarce number of relics that remained. The subject was further fostered in literature and in art. Concerning the latter, all Jesuit educational institutions in Portugal and in Brazil were decorated with pictures representing this martyrdom. Moreover, the missionaries departing overseas took, by norm, with them engravings with the same episode.*

*The high number of martyrs determined the literary and iconographic concentration on either Inácio de Azevedo or on the colective episode of the martyrdom. Nevertheless, hagiography also distinguished other members of this group, such as the Jesuits, who had had a vision of their forthcoming martyrdom. Last but surely not the least, reference must be made to Miguel Leitão de Andrade, as he and Inácio de Azevedo were the only priests with the four vows on board and to Bento de Castro. The latter was important in hagiographic art and literature, because various texts affirm that he was the first member of the group to have been killed.*

---

<sup>56</sup> Miguel LEITÃO DE ANDRADE, *Miscellanea do sitio de N. Sa. da Luz do Pedrogão Grande: apparecimo. de sua sta. imagem, fundação do seu Conv.<sup>10</sup>. e da See de Lxa com mtas. curiosidades e poezias diversas*, Lisboa, 1629, 100.

<sup>57</sup> António FRANCO, *Imagem da Virtude no noviciado de Coimbra*, ed. cit., 106.



**Fig: 1.** Cálice, prata dourada, ermida de S. Miguel de Tazacorte, Canárias



**Fig: 2.** Cofre, couro e tecido, ermida de S. Miguel de Tazacorte, Canárias



**Fig: 3.** Autor português, Inácio de Azevedo com a imagem da Madona di San Luca nas mãos, óleo, séc. XVII, colecção particular



**Fig: 4.** Mathaeus Greuter, Gravura com o martírio dos 40, in Louis de Richeome, *La peinture spirituelle*, 1611, Folger Shakespeare University



**Fig. 5.** Bussmacher, Johan, galeria de mártires jesuítas (1609), gravura, Herzog - August Bibliothek, Wolfenbüttel



**Fig. 6.** Giuseppe Baguasco, O Martírio de Inácio de Azevedo, óleo, 1855, Casa Professa da Companhia de Jesus, Roma